

**UMA METODOLOGIA PARA A EDIÇÃO
DE TEXTOS DO SÉCULO XX**

Rosa Borges (UFBA)
borgesrosa6@yahoo.com.br

RESUMO

Na contemporaneidade, fazendo interagir a filologia com outras áreas do conhecimento, sobretudo no campo das humanidades digitais, notamos mudanças expressivas na prática filológica editorial quanto às metodologias utilizadas na edição de textos modernos. Do texto único, singular, ao texto múltiplo, plural, o método filológico foi se ajustando, como resultado das teorias editoriais, da edição crítica, do arquétipo e do *codex optimus* (com K. Lachmann e J. Bédier, respectivamente), intencionalista (com W. Greg, F. Bowers, T. Tanselle) e teoria social da edição (com J. McGann e D. McKenzie), caracterizando, assim, diversas abordagens críticas, filológica, genética e sociológica em duas vertentes: a platônica, teleológica, e a pragmática, sociológica. De acordo com os textos selecionados para edição e crítica filológica, expomos os tipos de edição (fac-similar, diplomática, interpretativa, crítica, sinóptico-crítica, crítico-genética, histórico-crítica, genética), em suporte papel ou eletrônico, em arquivo hipertextual/hiperedição, bem como os estudos desenvolvidos, delineando os contornos de uma metodologia apresentada no trabalho de pós-doutorado que realizei na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) e que será aqui mostrada.

Palavras-chave:

Edição. Metodologia. Filologia editorial.

RESUMEN

En la contemporaneidad, promoviendo la interacción entre la filología y otras áreas del conocimiento, sobre todo en el campo de las humanidades digitales, notamos cambios expresivos en la práctica filológica editorial en cuanto a las metodologías utilizadas en la edición de textos modernos. Del texto único, singular, al texto múltiplo, plural, el método filológico fue ajustándose, como resultado de las teorías editoriales, de la edición crítica, del arquetipo y del *codex optimus* (a partir de K. Lachmann y J. Bédier, respectivamente), la intencionalista (a partir de W. Greg, F. Bowers y T. Tanselle) y la teoría social de la edición (a partir de J. McGann y D. McKenzie), caracterizando así diversos abordajes críticos, filológico, genético y sociológico en dos vertientes: la platónica, teológica, y la pragmática, sociológica. De acuerdo con los textos seleccionados para la edición y crítica filológica, exponemos los tipos de edición (facsimilar, diplomática, interpretativa, crítica, sinóptico-crítica, crítico-genética, histórico-crítica, genética), en soporte papel o electrónico, en archivo hipertextual/hiperedición, así como los estudios desarrollados, delineando los contornos de una metodología presentada en el trabajo postdoctoral que realicé en la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) y que aquí será mostrado.

Palabras-clave:

Edición. Metodología. Filología editorial.

1. Introdução

No ano de 2019, realizei o estágio de pós-doutoramento na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), sob a supervisão do Dr^a Belem Clark de Lara, e, nesta etapa de minha pesquisa, desenvolvi reflexões acerca das teorias e metodologias editoriais, que resultaram na produção de alguns textos, um trabalho apresentado no Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes (CILPR 2019), realizado na Dinamarca, em Copenhague, intitulado *A prática filológica na edição de textos modernos*, já selecionado e encaminhado para publicação, um artigo submetido à revista *(an)ecdótica*, uma publicação do Seminario de Edición Crítica de Textos, Instituto de Investigaciones Filológicas, UNAM, *Teorías y prácticas en la edición de textos del siglo XX (Literatura y Dramaturgia)*, e um livro *Estudio crítico-filológico de Quincas Berro d'Água, adaptación de João Augusto de la novela de Jorge Amado: reflexiones sobre la práctica editorial: propuesta metodológica para la edición de textos teatrales*, a ser publicado como produto do pós-doutorado.

Partindo do estudo crítico-filológico do texto dramático “Quincas Berro d’Água”, uma adaptação para o teatro por João Augusto da novela de Jorge Amado, e dos trabalhos que orientei, dissertações e teses, no âmbito da UFBA, coloquei em prática a metodologia que utilizamos para edição de textos do século XX, sistematizando-a. Trouxe, então, algumas reflexões sobre a prática filológica editorial, a partir de teorias e métodos que se foram modificando ao longo do tempo, considerando as perspectivas de análises e situações textuais examinadas, bem como os produtos editoriais condizentes com cada perspectiva editorial, se teleológica ou pragmática, e modalidades da crítica textual moderna, crítica textual genética e crítica textual sociológica.

2. Teorias, métodos e produtos editoriais

Nos trabalhos mencionados acima, discuto teorias, métodos e práticas editoriais e apresento considerações que me permitiram delinear o fazer filológico quanto à edição de textos modernos na contemporaneidade. Busco mostrar os avanços da metodologia da crítica textual que se caracteriza, conforme teoria da edição crítica, em perspectiva teleológica, pela busca do texto único que estaria representado, de acordo com o método adotado, pelo arquétipo, pelo bom manuscrito, o *codex optimus* (com K. Lachmann e J. Bédier, respectivamente), ou ainda pelo texto que

traga a intenção autoral final (com W. Greg, F. Bowers, T. Tanselle); ou conforme teoria social da edição (com J. McGann e D. McKenzie), em perspectiva pragmática, pelo texto múltiplo, considerando cada testemunho e suas versões examinados em suas especificidades, a partir dos gestos de escritura e da mediação editorial que envolve a participação de vários agentes sociais e culturais nos processos de produção, circulação e recepção de um texto, de uma obra, tomando em conta aspectos sociológicos, históricos, estéticos e ideológicos.

Ao explorar as teorias e metodologias da edição de textos, orientei os trabalhos de edição no Grupo de Pesquisa que coordeno, Grupo de Edição e Estudo de Textos (GEET) e na Equipe Textos Teatrais Censurados (ETTC), a partir das relações entre a Crítica Textual e a Crítica Genética/Crítica de Processo, inicialmente, e depois, entre a Crítica Textual, Crítica Genética e Sociologia dos Textos, no campo das Humanidades Digitais. Considerando que a Filologia é definida por sua prática disciplinar interativa, e, desse modo, diretamente afetada pelas áreas com as quais se relaciona, colocamos em conexão saberes necessários à edição e ao estudo crítico-filológico a ser realizado conforme tema de interesse do filólogo-editor.

A partir da análise dos gestos de produção e de publicação, a materialidade do texto e a textualidade do livro, respectivamente, de suas formas de inscrição, seus variados estados, diferentes tipos de edição são realizados, das edições convencionais em suporte papel e/ou eletrônico (crítica, interpretativa, diplomática, sinóptica, genética) às edições digitais/eletrônicas (crítica, interpretativa, sinóptico-crítica (hipermídias), fac-similar digital) e dossiês relativos aos textos editados, apresentados em um arquivo hipertextual ou em uma hiperedição (arquivo eletrônico).

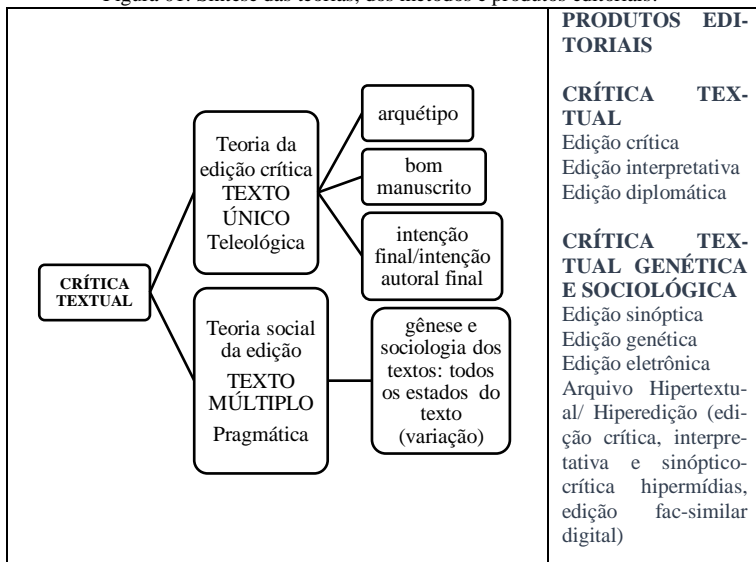
A filologia, como edição e crítica filológica, sempre se fez (e se faz) da interação de saberes, buscando conciliar, no exercício da crítica textual, as práticas da crítica genética e da sociologia dos textos, no terreno das humanidades digitais, resultando nas modalidades da crítica textual genética e da crítica textual social, valendo-se, sobretudo, dos recursos informáticos para produzir as edições e os estudos crítico-hermenêuticos. Nessa direção, o filólogo-editor

[...] tece diálogos e apropria-se de instrumentos e programas de outras áreas, para uma leitura do texto na relação entre diversos textos, tomando e respeitando os mesmos em sua instabilidade e diversidade material e sócio-histórica. Para tecer uma crítica filológica, inerentemente hermenêutica, política e dinâmica, de determinado texto, torna-se imprescindível, ao filólogo, uma abordagem transdisciplinar. (SOUZA; BORGES, 2019, p.

[4]

Resumo, a partir do que trago nesta seção, nossa prática filológica quanto às teorias, aos métodos e produtos editoriais (cf. Figura 1).

Figura 01: Síntese das teorias, dos métodos e produtos editoriais.



Fonte: elaborado pela autora.

3. Metodologia para edição de textos do século xx¹⁷³

A filologia editorial, para além de estudar o texto como produto, também o estuda como processo (crítica textual genética) e como evento social (crítica textual sociológica), na perspectiva da produção e transmissão textuais. Do material de investigação e dos propósitos do filólogo-editor dependerá a edição a ser realizada.

Para a edição crítica de textos, apresento as etapas metodológicas que seguimos em nosso trabalho. São elas:

¹⁷³ A metodologia, aqui trazida, está desenvolvida no texto do livro a ser publicado como resultado do Pós- Doutorado realizado na UNAM em 2019.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- a) preparação do dossiê (cf. Figura 2), com a produção de fac-símiles por meio da digitalização dos documentos, definindo os materiais que integram o *corpus* de arquivo:

Figura 02: Documentos do dossiê “Quincas Berro d’Água”.



Fonte: elaborado pela autora

- b) descrição física (de testemunhos, matérias de jornal e documentação censória) e resumo do texto como parte integrante da ficha-catálogo¹⁷⁴ (cf. Figuras 3 e 4):

¹⁷⁴ O *layout* da ficha-catálogo foi elaborado por Fabiana Prudente.

Figura 03: Descrição dos testemunhos na ficha-catálogo (folha 1).

ARQUIVO
TEXTOS TEATRAIS CENSURADOS

ATTC
CÓDIGO REF
JACBA01a0001

AUGUSTO [DE AZEVEDO FILHO], João.
Quincas Berro d'Água. Salvador, 1972;1975.

Localização: Teatro Vila Velha (TVV) /Espaço Xisto Bahia (EXB) /Divisão de Censura de Diversões Públicas (DCDP) do Arquivo Nacional – DF / Escola de Teatro da UFBA (ETUFBA)

Classificação: Adulto

Personagens: 29(30) / 32

Número de Atos: 02

Número de Cenas: 10/12

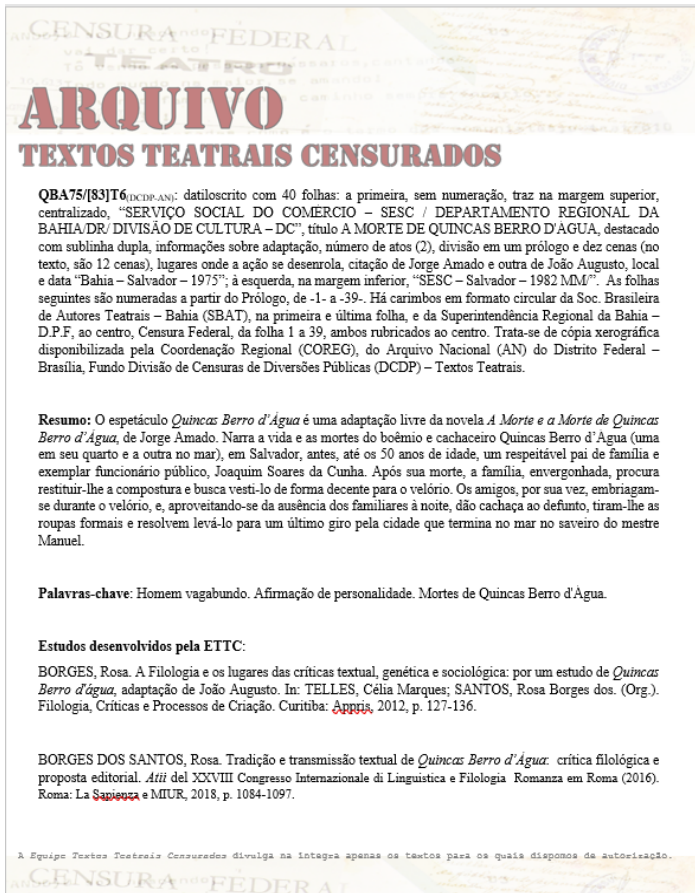
QBA_{sd}T1_(TVV)/QBA[1967/7-?]_{T1(TVV)}: original datiloscrito com 61 folhas, sendo as primeiras quatro não numeradas: [f.1], título (provisório) e epígrafe (citação de Jorge Amado); [f.2], informações sobre adaptação, lugares onde a ação se desenrola, número de atos (3), divisão em um prólogo (1) e dez cenas (10), segue relação das cenas. No verso dessa folha, há o texto de um documento da Escola de Dança da Bahia destinado à Superintendência de Turismo da Cidade de Salvador, informando sobre um evento que se realizaria nos dias 11 e 13 de abril de 1965. Na sequência, [f.3], lista de personagens (29 / sendo 1 acrescentada); [f.4], continuação da lista de personagens e menção aos lugares onde a peça se desenrola (já apresentada à [f.2]). Texto datilografado no averso, com modificações autorais, a lápis, a maioria delas, e outras, em tinta azul. A numeração das folhas é feita na margem superior, à direita, a partir do Prólogo, de 1 a 57, sendo a f.15, com numeração manuscrita, e as demais folhas, com numeração datiloscrita. As folhas 14, 15 e no verso da f. 55, foram recortados e colados trechos de textos (correspondentes às falas de personagens) datilografados em outra folha de papel e que integram o texto. Texto incompleto.

QBA72_{frag}T2_(DCDP-AN): datiloscrito, 10 folhas, apenas as que trazem os cortes indicados pelos censores, assinalados e seguidos do carimbo com a inscrição “CORTES” às folhas 20, 21, 23, 24, 25, 38, 49, 51, 59 e 65, todas elas rubricadas no ângulo superior direito. Texto datilografado no averso, com numeração das folhas no ângulo superior direito. Trata-se de cópia xerográfica disponibilizada pela Coordenação Regional (COREG) do Arquivo Nacional (AN) do Distrito Federal – Brasília, Fundo Divisão de Censuras de Diversões Públicas (DCDP) – Textos Teatrais.

A Equipe Textos Teatrais Censurados divulga na íntegra apenas os textos para os quais dispomos de autorização.

Fonte: elaborado pela autora

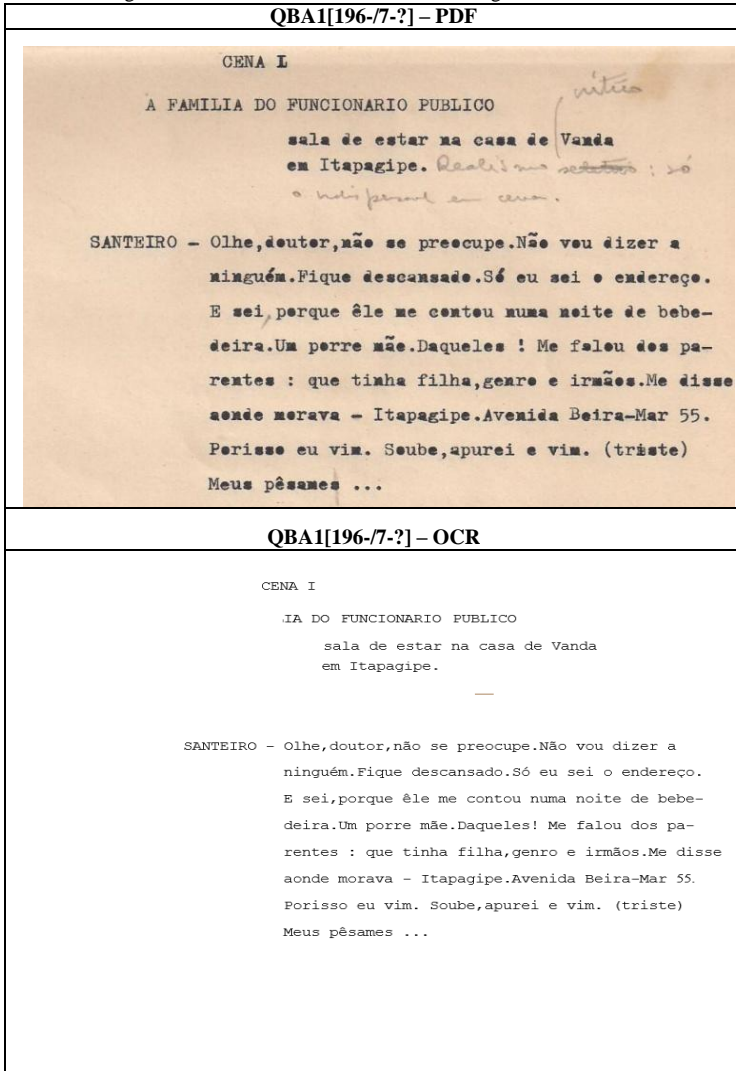
Figura 04: Descrição e Resumo na ficha-catálogo (folha 3).



Fonte: elaborado pela autora.

- c) transcrição dos textos em seus testemunhos: diplomática ou linearizada, a transcrição busca preservar as características dos documentos, os gestos da escrita (autores/dramaturgos, autoria coletiva) e as ações de outros sujeitos que deixam rastros na materialidade do texto. Inicialmente, converte-se a imagem em texto editável através da ferramenta de reconhecimento ótico de caracteres (*Optical Character Recognition* – OCR) para em seguida realizar a transcrição do texto (cf. Figuras 5 e 6).

Figura 05: Processamento automático de imagem em texto.



Fonte: elaborado pela autora.

Figura 06: Transcrição dos textos.

QBA1[196-/7-?] – Transcrição diplomática	
	4.
CENA I	
A FAMILIA DO FUNCIONARIO PUBLICO	
sala de estar na casa de Vanda em Itapagipe. ^{crítico} realismo seletivo: só o indispensavel em cena.	
SANTEIRO - Olhe,doutor,não se preocupe.Não vou dizer a ninguém.Fique descansado.Só eu sei o endereço.] E sei, porque êle me contou numa noite de bebe- deira.Um porre mãe.Daqueles! Me falou dos pa- rentes : que tinha filha,genro e irmãos.Me disse aonde morava - Itapagipe. Avenida Beira-Mar 55. Porisso eu vim. Soube,apurei e vim. (triste) Meus pêsames ...	
QBA1[196-/7-?] – Transcrição linearizada	
	4.
CENA I	
A FAMILIA DO FUNCIONARIO PUBLICO	
sala de estar na casa de Vanda em Itapagipe. [Realismo <seletivo> [↑crítico]: só o indispensavel em cena.]	
SANTEIRO - Olhe,doutor,não se preocupe.Não vou dizer a ninguém.Fique descansado.Só eu sei o endereço. E sei[,] porque êle me contou numa noite de bebe- deira.Um porre mãe.Daqueles! Me falou dos pa- rentes : que tinha filha,genro e irmãos.Me disse aonde morava - Itapagipe. Avenida Beira-Mar 55. Porisso eu vim. Soube,apurei e vim. (triste) Meus pêsames<> ...	

Fonte: elaborado pela autora.

- d) interpretação a partir da **crítica filológica**, levando-se em conta o texto, seus testemunhos e versões, para, finalmente, produzir a(s) **edição ou edições**.

Em nosso Grupo de Pesquisa, para se chegar à produção das edições valemo-nos de uma metodologia já trazida por Karl Lachmann, porém adaptada aos novos tempos, com ajustes que são peculiares à era da informática. Sigo as etapas indispensáveis para obtermos o produto, a edição. Na *collatio*, para cotejo dos testemunhos e versões, foi utilizado o *Juxta Commons*, que disponibiliza MODIFICAÇÕES TEXTUAIS (observadas no modo visualização *heat map* y *side-by-side*), DIAGRAMAS (recurso gráfico do histograma que expõe a frequência da ocorrência das modificações em relação ao texto de base escolhido), APARATOS CODIFICADOS em TEI, em formato XML, e uma edição através da oposição *Edition Starter*, em um arquivo com texto completo, linhas numeradas de 5 em 5 e, ao final, uma lista das modificações textuais identificadas por testemunho e nas linhas que se registram (ALMEIDA, 2014).

Na etapa da *constitutio textus*, conforme vertente editorial, se teleológica ou pragmática, optamos por fixar determinado texto ou trazer todas as versões do texto, com a apresentação última de um ou mais texto(s), a partir de determinadas características gráficas y tipográficas, e organizar um aparato crítico e de notas (comentários do editor) ou outros aparatos (aparato de conjecturas, aparato genético), de acordo com os interesses do filólogo-editor. Os aparatos críticos e de notas assumem funções distintas. O aparato crítico, em suporte papel, traz as modificações textuais (autorais e da tradição/transmissão) e as rasuras (alterações genéticas), em se tratando de manuscritos autógrafos. Por sua vez, o aparato de notas dispõe as informações que permitem uma aproximação entre autores, editores e leitores da época e do universo cultural a que pertence o texto que se edita. No suporte eletrônico, os aparatos crítico e de notas são construídos por meio do uso de *hiperlinks* que conectam textos a quaisquer outros materiais selecionados e colocados em relação pelo filólogo-editor (BORGES, 2020).

Quanto à *editio*, a apresentação editorial se estrutura da seguinte forma: (1) **Introdução crítico-filológica** com informações sobre o escritor/dramaturgo em seu momento social e cultural e sua obra, sua inserção no mapa cultural nacional, aspectos relativos à produção e aos agentes que atuam na materialidade dos textos, procedimentos para seleção e análise dos testemunhos, modelo editorial adotado dentro de determinado aporte teórico-metodológico; (2) **Edição**, expondo os critérios adotados

para a edição e sua aplicação e, no caso das edições digitais/eletrônicas, disponibiliza o arquivo eletrônico, com as edições e dossiês (arquivístico e/ou genético); (3) **Crítica filológica**, abordagem crítico-hermenêutica que leva em conta aspectos peculiares aos textos estudados; (4) **Bibliografia, Apêndices, Anexos, Índices**, quando seja do interesse do pesquisador (BORGES, 2020).

Quantos aos critérios para elaboração e apresentação dos modelos editoriais, como eles foram se modificando ao longo dos anos, por ajuste ou por novos critérios – levando-se em conta as especificidades do texto estudado, sua forma de produção e transmissão, os contextos de circulação e recepção, o conjunto dos materiais reunidos (a massa documental), os interesses do filólogo-editor, o percurso das edições, do papel às edições digitais em formato hipertextual/hipermídia –, serão indicados os trabalhos através de seus autores (e as páginas referentes aos critérios adotados na edição) para que sejam consultados e postos em ação conforme interesse de cada pesquisador ao realizar a edição do texto que lhe cabe.

Para os textos teatrais, consultar: Santos (2008, p. 2666-2667); Jesus (2008, p. 59-63; 2014, p. 101-105); Almeida (2011, p. 59-61; 2014, p. 133-142); Matos (2011, p. 97-98; 2014, p. 98-99); Corôa (2012, p. 77-79); Mota (2017, p. 142-146); Souza (2012, p. 162-164; 2019, p. 148-153); Souza, Correia e Jesus (2012, p. 67-69 (<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26433>)); Borges *et al.* (2012, p. 111-112; p. 139-140, 151-152; p. 198); Correia, F. (2013, p. 41; 70-73; 2018, p. 181-186); Correia, H. (2014, p. 101-103; p. 164-165); Fagundes (2014, p. 97-99; 2019, p. 119-127); Sacramento de Souza (2014, p. 134-139). Quanto à edição de poemas e contos, os critérios estão disponibilizados nos trabalhos de: Carvalho (2002, p. 429-436); Brasil (2006, p. 54-59); Silva (2008, p. 41-46); Borges *et al.* (2012, p. 91-92); Scarante (2016, p. 83-85); Lima, L. (2014, p. 39-40); Lima, E. (2016, p. 64-65)¹⁷⁵.

Os critérios empregados para as edições propostas foram sendo ajustados em conformidade com as situações textuais encontradas. Partindo-se dos critérios trazidos no livro *Edição e estudo de textos teatrais censurados na Bahia*, publicado pela EDUFBA em 2012, fazendo-lhes alguns ajustes, exponho, de forma generalizada, os critérios adotados na

¹⁷⁵ Conferir no Quadro 1 as notas que remetem para os *sites* dos referidos trabalhos a serem consultados.

edição do texto teatral. São eles:

1. Respeitar o seccionamento do texto em cenas, atos e réplicas;
2. Trazer o **TÍTULO** das peças em negrito, em caixa alta, centralizado;
3. Indicar e uniformizar os nomes das PERSONAGENS na íntegra, em caixa alta, e à esquerda da folha;
4. Apresentar a divisão das cenas em algarismos romanos (I, II...), destacando a palavra **CENA** em caixa alta, em negrito, e centralizada;
5. Trazer as indicações cênicas (*rubricas*) entre parênteses e em itálico;
6. Atualizar a ortografia, exceto para as grafias de palavras que correspondam ao uso da língua em sua modalidade oral que, neste contexto, serão mantidas conforme aparecem no texto de base;
7. Acentuar conforme as normas vigentes, salvo quando se tratar de registros da oralidade, marcando o acento diferencial;
8. Proceder à correção do que for comprovadamente erro, deslize ou contrassenso, conservando as marcas da oralidade existentes no texto, exceto nos casos de oscilação da grafia de alguma palavra;
9. Retirar as barras que se destinam à estética do texto datiloscrito;
10. Suprimir trechos duplicados;
11. Manter a pontuação original, exceto nos casos de erro, para os quais se fará a correção;
12. Desenvolver as palavras abreviadas no texto em itálico, uniformizando-as, salvo quando se tratar de formas convencionais (ex.: sr.);
13. Manter a disposição de versos nos textos, quando houver;
14. Manter os estrangeirismos da mesma forma que se registram nos textos. Corrigir somente erros e indicá-los no aparato;
15. Numerar as linhas do texto de cinco em cinco;
16. Usar devidamente maiúsculas, para nomes de pessoas, lugares e após sinais de pontuação, conforme ortografia vigente;
17. Registrar no aparato crítico, localizado à direita do texto, as modificações textuais e autorais (variantes) em itálico (em suporte papel);
18. Registrar comentários do editor e as intervenções do censor, indicando o trecho censurado, em nota de rodapé, à margem inferior (em suporte papel);
19. Usar os símbolos dispostos abaixo na descrição física dos testemunhos e no aparato crítico:

[]	acréscimo
[↑] [↓] [→] [←]	acréscimo na entrelinha superior, inferior, à direita e à esquerda

<>	supressão
/\	sobreposição
<>/\	substituição por sobreposição/ supressão por sobreposição
†	palavra ilegível
<†>	riscado autógrafo ilegível
<†> []	substituição de um segmento apagado, riscado ou ilegível
<i>m</i>	emenda ¹⁷⁶ manuscrita
<i>d</i>	emenda datiloscrita
/	mudança de linha
//	mudança de folha
□	espaço deixado em branco
/*/	leitura conjecturada
(...)	leitura impossível: suporte danificado

Quanto à edição genética, reproduzo aqui a estrutura e os critérios utilizados por Matos (2014, p. 98-99):

[...] a edição proposta estrutura-se, em síntese, nas partes seguintes:

descrição de cada um dos testemunhos, levando em conta os aspectos e as condições gerais do suporte e da mancha escrita, o instrumento de escrita utilizado, a ocupação do espaço gráfico etc.;

comentário geral sobre o processo de construção, considerando o número de testemunhos em que a cena foi inscrita, as versões que se produzem aí, bem como as campanhas que geram os diferentes momentos de (re)escritura;

a. transcrição linearizada de cada testemunho que dá a ler as cenas editadas; acompanhada de observações descritivas à margem direita do movimento observado;

b. explicação e caracterização detalhada de cada uma das versões que constituem o processo de construção da cena;

c. exercício filológico de comparação entre as diferenças e semelhanças no cumprimento de cada um dos passos anteriores nas duas propostas de edição para a mesma cena: a que ora propomos e a que já realizamos no contexto da dissertação de mestrado (MATOS, 2014, p. 98).

[...] Utilizaremos, assim, os seguintes operadores, tomados de Carvalho (2002), em sua tese de doutoramento:

¹⁷⁶ Denomina-se emenda qualquer modificação realizada no texto, incluindo-se os acréscimos, supressões, sobreposições (rasuras).

< > segmento riscado [ou qualquer outro tipo de supressão]

† palavra ilegível

[] acréscimo

< > / \ substituição por sobreposição, na relação <substituído> /substituto¹⁷⁷

< > [↑] substituição por riscado e acréscimo na entrelinha superior

[↑] acréscimo na entrelinha superior

[↓] acréscimo na entrelinha inferior

[→] acréscimo na margem direita

[←] acréscimo na margem esquerda

< > [] substituição à frente

< [] > acréscimo e posterior supressão

<XXX> cancelamento datiloscrito por sobreposição de sequência de X, em que não se consegue ler o que foi suprimido.

As transcrições serão acompanhadas de seus fac-símiles, colocados na página anterior. (MATOS, 2014, p. 99)

No preparo das edições em meio digital, Almeida (2011) utilizou o programa *Web Page Maker*¹⁷⁸, em sua versão 3.2.1, disponibilizando a edição em CD-ROM. Souza (2012), através do *Microsoft Word*, produziu as edições em *Hypertext Markup Language* (Linguagem de Marcação de Hipertexto), disponibilizando-as em PDF, por meio do *Adobe Reader*, em CD-ROM. Mota (2012) e Almeida (2014) utilizaram o *Adobe Dreamweaver CS5*¹⁷⁹. Mota (2012) usou também o *Antena Beta* (edição em DVD) e Almeida (2014) (em *website*) fez uso de outros programas *Adobe Fireworks CS5*¹⁸⁰ e do *Juxta Commons*¹⁸¹. Corôa (2012) e Sacramento

¹⁷⁷ No caso específico das correções para acréscimo de acento gráfico, destacaremos vogal “corrigida” com o recurso do negrito: <a>/á\, por exemplo.

¹⁷⁸ Editor de páginas da *Web* que permite criar e fazer o *upload* de páginas da *web*, sem a necessidade de nenhuma codificação HTML.

¹⁷⁹ É um *software* desenvolvido para a edição e criação de páginas na *Web* (Consultar *site*: <https://helpx.adobe.com/es/dreamweaver/user-guide.html>).

¹⁸⁰ *Software* utilizado na edição de imagens para *sites* e aplicativos (Consultar *site*: <https://www.adobe.com/pt/products/fireworks.html>).

¹⁸¹ Conferir o *site*: <http://www.juxtacommons.org/>.

de Souza (2014), através do *Microsoft Word*, fizeram uso do editor de hipertexto *Nvu*¹⁸², versão 1.0PR (20050330), em DVD. Em 2013, Fabiana Correia utilizou o *Prezi*¹⁸³. Hugo Correia (2014) e Jesus (2014) utilizaram o *Microsoft FrontPage*¹⁸⁴ (mídia eletrônica, DVD). Mota (2017), Fabiana Correia (2018), Débora de Souza (2019) e Fagundes (2019) utilizaram os seguintes recursos: *Hypertext Markup Language* 5¹⁸⁵, *Cascading Style Sheets (CSS)*, *JavaScript* e *Juxta Commons*.

A seguir, listo as edições e os pesquisadores responsáveis por elas:

Quadro 1: Modelos editoriais e arquivo eletrônico¹⁸⁶.

TIPOS DE EDIÇÃO	PESQUISADORES
EDIÇÃO CRÍTICO-GENÉTICA (combina os métodos da edição crítica e da edição genética)	Carvalho (2002) ¹⁸⁷
EDIÇÃO CRÍTICA (coteja os testemunhos de um texto para sua fixação em um texto crítico, acompanhado de um	Brasil (2006) ¹⁸⁸ ; Silva (2008) ¹⁸⁹ ; Jesus (2008) ¹⁹⁰ ; Almeida (2011) ¹⁹¹ ; Souza (2012) ¹⁹² ; Scarante (2016) ¹⁹³ .

¹⁸² Editor para criação de páginas na *Web* para usuários de *Linux Desktop*, *Microsoft Windows* e *Macintosh* (Consultar site: <http://www.nvu.com/>).

¹⁸³ “[...] um *software* que apresenta a possibilidade de exposição do conteúdo sob a estrutura de diagramas que permitem a sistematização de informações e a realização de conexões entre eles, assemelhando-se ao formato de mapa mental (também chamado de mapas cognitivos) [...]” (CORREIA, F., 2013, p. 36-37). Consultar site: <https://prezi.com/pt/>.

¹⁸⁴ O *Microsoft FrontPage* é um editor HTML da *Microsoft* que permite criar e gerir páginas e sites na *Web*. Foi descontinuado em 2006 e substituído pelo *Microsoft Expression Web* (Consultar site: <https://www.microsoft.com/en-us/download/details.aspx?id=8139>).

¹⁸⁵ Linguagem de marcação padrão (sistema de anotação) para a *World Wide Web*, para criar páginas na *web* e aplicativos (Consultar site: <https://www.loc.gov/preservation/digital/formats/fdd/fdd000481.shtml>).

¹⁸⁶ As informações trazidas aqui neste quadro estão disponibilizadas no artigo encaminhado para publicação na revista (*an*)*ecdótica* (UNAM).

¹⁸⁷ http://www.textoecensura.ufba.br/page_rosa.html

¹⁸⁸ <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10978>

¹⁸⁹ https://portal.uneb.br/ppgcl/wp-content/uploads/sites/112/2018/09/silva_barbara.pdf

¹⁹⁰ <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10824>

¹⁹¹ <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8395>

¹⁹² <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8528>

ou mais aparatos) Edição crítica hipermídia	Almeida (2014); Souza (2019).
EDIÇÃO INTERPRETATIVA em suporte papel e digital (fixa o texto de cada testemunho, construindo um aparato de notas e variantes em relação à mediação do editor que corrige erros, atualiza a ortografia e traz comentários) Edição interpretativa hipermídia	Almeida (2011); Corôa (2012) ¹⁹⁴ ; Mota (2012) ¹⁹⁵ ; Fagundes (2014) ¹⁹⁶ ; 2019); Correia, H. (2014) ¹⁹⁷ ; Jesus (2014) ¹⁹⁸ . Souza (2019)
EDIÇÃO GENÉTICA (transcreve os documentos que compõem o dossiê genético, identificando os níveis e momentos genéticos, apresentando um aparato genético)	Matos (2011) ¹⁹⁹ ; 2014 ²⁰⁰); Lima, L. (2014) ²⁰¹ ; Lima, E. (2016) ²⁰² .
EDIÇÃO SINOPTICO-CRÍTICA em papel e, sobretudo, em suporte eletrônico (coloca os testemunhos lado a lado para agrupá-los, trazendo notas e comentários que visam esclarecer os textos em seus múltiplos aspectos) Edição sinóptico-crítica hipermídia	Correia, F. (2013) ²⁰³ ; Sacramento de Souza (2014) ²⁰⁴ ; Almeida (2014); Mota (2017). Correia (2018); Souza (2019)
EDIÇÃO FAC-SIMILAR DIGITAL (traz uma imagem aproximada das características que o documento/monumento apresenta)	Almeida (2011; 2014); Corôa (2012); Souza (2012; 2019); Mota (2012; 2017); Correia, F. (2013; 2018); Jesus (2014); Sacramento de Souza (2014); Correia, H. (2014); Fagundes (2019).

¹⁹³ <http://www.ppglitcult.lettras.ufba.br/pt-br/node/476>

¹⁹⁴ <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/10829>

¹⁹⁵ <http://www.ppglitcult.lettras.ufba.br/>

¹⁹⁶ <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/25528>

¹⁹⁷ <http://www.ppglitcult.lettras.ufba.br/>

¹⁹⁸ <http://www.ppglitcult.lettras.ufba.br/en/node/416>

¹⁹⁹ <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8476>

²⁰⁰ <http://www.ppglitcult.lettras.ufba.br/pt-br/node/411>

²⁰¹ <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27356>

²⁰² <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26444>

²⁰³ <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/25528>

²⁰⁴ <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27656>

ARQUIVO ELETRÔNICO	PESQUISADORES
ARQUIVO HIPERTEXTUAL – HIPEREDIÇÃO (coloca em rede textos, imagens, áudios, vídeos, dispositivos etc.) Todos os modelos editoriais, listados acima, dentro de um Arquivo Hipertextual ou em uma Hiperedição, tornam-se edições hiperemídias, pois incorporam elementos auditivos e/ou visuais em seu modo de fazer, diferenciando edições em papel de edições hipertextuais.	Em suportes informáticos: Almeida (2011) Corôa (2012); Souza (2012); Mota (2012); Correia, F. (2013); Jesus (2014); Sacramento de Souza (2014). Em rede (na <i>web</i>): Almeida (2014) ²⁰⁵ ; Mota (2017); Correia (2018) ²⁰⁶ ; Fagundes (2019); Souza (2019) ²⁰⁷ .

4. *Considerações finais*

Com base nas experiências que tive ao longo da prática de edição de textos, tanto em sua realização como nos vários trabalhos de dissertação e tese que orientei (mais de 20), pude, nesse momento, sistematizar uma metodologia para a edição de textos do século XX, buscando examinar cada testemunho em sua especificidade quanto aos gestos de produção, transmissão e recepção de um texto ou obra, levando em conta o contexto sócio-histórico, as políticas editoriais, as tecnologias adotadas, entre outros aspectos, na edição de um texto.

Nosso propósito, enquanto filólogos-pesquisadores, é o de fazer o texto editado alcançar outros leitores/navegadores, inseri-lo em outro tempo e lugar e, como intérpretes que somos, realizar uma leitura crítico-filológica, a partir dos materiais que reunimos e que constituem a massa documental dos dossiês arquivístico e/ou genético com que trabalhamos para produzirmos a edição crítica de um texto em suas diversas modalidades em suporte papel, informáticos e em rede.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Isabela Santos de. *A crítica filológica nas tessituras digitais: arquivo hipertextual e edição de textos teatrais de Jurema Penna*. 2014. 321 f. 2 vols (um volume em site). Tese (Doutorado) – Instituto de

²⁰⁵ <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27557>

²⁰⁶ <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29614>

²⁰⁷ <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29881>

Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27557>. Acesso em: 28 jan. 2018.

BORGES, Rosa *et al.* *Edição de texto e crítica filológica*. Salvador: Quarteto, 2012.

BORGES, Rosa. A prática de edição de textos modernos. *CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOLOGIE ROMANES*, 29., 2019. Copenhague. Anais [...]. Copenhague: Université de Copenhague, 2020. [no prelo].

BORGES, Rosa. *Teorías y prácticas en la edición de textos del siglo XX (Literatura y Dramaturgia)*. (an)ecdótica, Ciudad de México, Seminario de Edición Crítica de Textos, Instituto de Investigaciones Filológicas, Universidad Nacional Autónoma de México, 2019. Acesso URL: <https://revistas-filologicas.unam.mx/anEcdotica/index.php/anec> [submetido à publicação].

_____. *Estudio crítico-filológico de Quincas Berro D'Água, adaptación de João Augusto de la novela de Jorge Amado: reflexiones sobre la práctica editorial (Propuesta metodológica para la edición de textos teatrales)*. Ciudad de México, Seminario de Edición Crítica de Textos, Instituto de Investigaciones Filológicas, Universidad Nacional Autónoma de México, 2020. [submetido à publicação].

CORREIA, Fabiana Prudente. *O desabrochar de uma flor em tempos de repressão: edição e crítica filológica de pareceu a Margarida de Roberto Athayde*. 2013. 200 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27767>. Acesso em: 28 jan. 2018.

MATOS, Eduardo Silva Dantas de. *O manuscrito autógrafo e suas rasuras: autoria, subjetividade e edição*. 2014. 202 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8476> . Acesso em: 28 jan. 2018.

SANTOS, Rosa Borges dos. (Org.). *Edição e estudo de textos teatrais censurados na Bahia: a Filologia em diálogo com a Literatura, a História e o Teatro*. Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26433>. Acesso em: 13 jul. 2018.

SOUZA, Débora de; BORGES, Rosa. Arte, pesquisa e memória: uma leitura filológica do teatro experimental, aguerrido e multicultural de Ni-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

valda Costa. *ENECULT: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA*, 15, 2019, Salvador. Anais eletrônicos [...]. Salvador: UFBA, 2019. Disponível em: <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111494.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2020.